

O futuro começa agora: da pandemia à utopia


Rodolfo Medeiros Schian – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil |
E-mail: rodolfo.schian@prof.uniso.br | <https://orcid.org/0000-0001-9510-7721>



SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia.** São Paulo: Boitempo, 2021. 426p.

e-issn: 2177-5788

Copyright © 2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons –CC BY-NC-SA –Atribuição Não Comercial –Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.




O livro “O futuro começa agora: da pandemia à utopia”, do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, apresenta reflexões para pensar o caos pandêmico que ainda experienciamos, além de apontamentos para o nosso futuro pós-pandêmico. O autor argumenta que a virada epistemológica, cultural e ideológica que se faz necessária frente às dominações capitalistas, colonialistas e patriarcais e que na atual crise se coloca como uma emergência para o futuro da sociedade. Soluções que encontraremos nas epistemologias do Sul.

Boaventura avisa que a limitação desse tema se encontra no fato de estarmos falando de um fenômeno, a pandemia, dentro do próprio fenômeno, por isso é preciso ter prudência nas conclusões, teorias e quadros analíticos. Entretanto a emergência de uma virada epistemológica para uma efetiva transformação social nos faz ir além. Como diz o autor, não se trata de abandonar a boa prática do pesquisador de retaguarda e adotar a prática do pesquisador de vanguarda, e sim dar voz à diversidade e às utopias realistas, tornar visível as alternativas, uma esperança para toda humanidade.

Na Parte 1, “O século XXI se apresenta”, que corresponde aos sete capítulos iniciais, encontramos a exposição de uma visão panorâmica das causas e consequências presentes e futuras do coronavírus na sociedade.

No primeiro capítulo, “Introdução póstuma ao nosso tempo”, o exercício sociológico se trata de inserir uma suposta novidade na contemporaneidade, a crise pandêmica. Um mundo que nos últimos 40 anos tem vivido em um estado de dominação, próprio da realização do progresso, que impede a visibilidade de alternativas para a sociedade atual e que a pandemia abalou, demonstrando que deixamos de discutir isso no sistema político democrático por estarmos dominados pelos princípios do mercado. Tanto que a própria democracia ou direitos humanos se apresentam como possibilidades desfiguradas e que impedem as potencialidades emancipatórias, dando a sensação de esgotamento político e ideológico em uma crise permanente, ou seja, vivemos em uma crise dentro de outra crise.




Por isso, temos a sensação de viver um presente eterno, livre do passado e sem outro futuro que a sua própria eternidade, o que o autor denominava como “utopismos automático da tecnologia” e agora designa como “presenteísmo”. E para fugir destas amarras, precisamos pensar através das ecologias dos saberes, da epistemologia do Sul, em uma nova escala que se configura a visão do vírus. O Covid-19 surge como uma metáfora do “vírus como pedagogo” contemporâneo, não por uma simples linearidade temporal, mas porque compartilha conosco as contradições do nosso tempo.

O segundo capítulo “Um fantasma assombra o mundo: a história do vírus e o colonialismo”, apresenta questionamentos sobre a novidade desta crise pandêmica ser mais aparente que real e sobre o fato de que a história do coronavírus é também a nossa história. A partir daí, ele e-levanta três perguntas existenciais: de onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Para responder tais questões, o autor aponta a necessidade de avaliar a partir da perspectiva histórica no prisma da ecologia dos saberes, combinando as escalas temporais com as escalas espaciais.

Por isso Boaventura propõe o estudo de pandemias anteriores a fim de mapear as possíveis soluções para estes momentos no presente e no futuro. A compreensão histórica desta análise nos ajuda a entender com mais detalhes o fato do capitalismo ter nos colocado na posição de sub-humanos (racializados e sexualizados) e estar transformando a pandemia em um grande negócio, segundo os seus princípios de rentabilidade, ideia desenvolvida no terceiro capítulo “O capitalismo abissal: a pandemia como negócio”.

Afirma o autor que a versão atualmente dominante do capitalismo global (neoliberalismo atrelado à lógica do capital financeiro) fracassou e não tem futuro, desacreditado social e politicamente frente às inúmeras tragédias humanitárias. Este neoliberalismo sujeitou todas as áreas que trabalham a questão social ao modelo de negócio do capital, contrapondo a lógica de serviço público por lucro. Ignora os princípios de cidadania e direitos humanos, deixando para o Estado somente áreas que não geram




lucro. Sua consequência são Estados enfraquecidos incapazes de fazer frente às crises ou às pandemias, e os governos nacionais que estão aparentemente distantes dos ideais neoliberais são mais eficazes contra a pandemia, independentemente do regime político. É neste contexto que se desenvolve o conceito de capitalismo bárbaro, ou capitalismo abissal. A Big Pharma, indústria advocatícia e do capitalismo corsário, é o exemplo de que se utiliza o autor. Sob essa ótica, a nossa guerra não é contra o vírus e sim contra toda forma de dominação que vem degradando a humanidade e a natureza.

O quarto capítulo, “As veias abertas da desigualdade e das discriminações”, vai demonstrar a democracia do vírus e seu agravamento nas desigualdades e discriminações: ao contrário do que se diz, a nova pandemia é particularmente discriminadora. Grupos que a pandemia acentuou a desigualdade e a discriminação já se encontravam em vulnerabilidade, sobretudo os localizados no Sul global (que não se trata de um espaço geográfico, mas um espaço-tempo epistemológico, político, social e cultural), bem como a pobreza no Hemisfério Norte: EUA, Europa e México inclusive.

Implicação da tríplice dominação eurocêntrica ou as três linhas abissais: capitalista, colonialista e patriarcal e; estes modos de dominação são acompanhados na contemporaneidade por outros modos de dominação, dominações satélites: dominação de castas, de religião, das prisões, do capacitismo e idade (senexismo).

Nestas linhas abissais e modos de dominação, a pandemia evidenciou que normalidade é o que designamos para justificar os artifícios produzidos pela multiplicação e fragmentação das exceções, que na realidade se trata da maioria da população mundial. Além de demonstrar a falsa hierarquia do sistema mundial, superioridade-inferioridade, entre o Sul global e o Norte Global.

O quinto capítulo, “O Estado: exceção e democracia em tempos de pandemia”, vai realizar uma análise crítica do Estado, na sua formação, modernidade e frente à pandemia. Lembrando que os três princípios da




regulação da sociedade moderna são o Estado, o mercado e a comunidade. Entretanto, desde a década de 1980, foi priorizado o princípio do mercado, onde a própria lógica do Estado e da Comunidade passou a ser gerida pelo mercado, na mercantilização da vida coletiva e na lógica da rentabilidade capital; sendo o Estado hoje, e principalmente pelo que foi demonstrado na pandemia, uma instituição incontornável.

A crítica agora se volta para o conhecimento, para a ciência, e isso ocorre no sexto capítulo, “Conhecimentos, incertezas e saúde global”, que explicita como a pandemia criou uma situação complexa ao conhecimento e, mais precisamente, ao conhecimento científico. Este é chamado para dar respostas aos problemas do Sars-Cov-2, dando centralidade ao papel do saber científico, e que revelou duas condições que vão perdurar por muito tempo: as potencialidades e os limites da ciência moderna e a pluralidade de saberes. Justamente nesta diversidade de sistemas de conhecimento é que se configura o paradigma emergente, ou seja, as epistemologias do Sul. Nas epistemologias do Sul se pressupõe que nem a ciência moderna ou outra forma de conhecimento conseguem dar conta das experiências e diversidades do mundo.

O sétimo capítulo, “Resistência e auto-organização comunitárias”, diferente dos dois protagonistas anteriores (Estado e Ciência) que são amplamente reconhecidos, Boaventura realiza agora uma análise das comunidades, de suas resistências e criatividade para salvaguardar a vida. Indivíduos que estão mais próximos da pandemia e por isso são os mais relevantes, o que o autor denomina como história da solidariedade comunitária e iniciativas de resistências, vozes que raramente são escutadas fora das comunidades.

A ideologia do individualismo promovido pelo neoliberalismo, junto do agravamento das desigualdades, voltou a ser o senso comum das elites (como era no século XIX), com isso a solidariedade e as cooperações sociais foram perdendo espaço, a filantropia passou a ser justificativa para o acúmulo de riqueza e instrumento de poder. Todavia a pandemia nos mostrou que essa ideologia não penetrou tanto nas relações sociais e



políticas como aparentava ou seus promotores proclamavam. O Sentimento de cooperação e reciprocidade continuam vivos, principalmente entre as classes populares.

Os quatro últimos capítulos deste livro, que se encontram na “Parte 2 – O Futuro começa agora”, apresentando o século XXI como o início (ou possibilidade de início) de uma época, conscientizam-nos que, definitivamente não somos os donos, mas parte da natureza.

No oitavo capítulo, “Os três cenários”, são apresentados os cenários possíveis do mundo pós-pandêmico, são eles: cenário I – tudo como antes e pior. Capitalismo Abissal e Estado de Exceção Securitário; cenário II – pele capitalista, máscara socialista: o novo neokeynesianismo e; cenário III – barbárie ou civilização: alternativas ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado. O último cenário é a aposta do autor para uma efetiva transição paradigmática, para a epistemologia do Sul, em uma leitura realmente paradigmática e não subparadigmática como vem sendo praticada por boa parte da ciência em seus diversos campos e teorias, a exemplo do próprio marxismo.

O marxismo influenciou algumas leituras paradigmáticas, mas estas sempre foram minoria. Nestas leituras temos o capitalismo realmente configurado como uma situação de barbárie e que somente com uma revolução socialista teríamos o seu fim. E aqui encontramos a leitura de Rosa Luxemburgo, no seu livro “Socialismo ou Barbárie” (1919), uma nova proposta dialética da história na ruptura paradigmática com o determinismo econômico e a ideologia iluminista do progresso inevitável. Pensamento presente em István Mészáros, Walter Benjamin e Pier Paolo.

O autor passa a defender algumas intervenções práticas no nono capítulo, “Para uma nova declaração cosmopolita insurgente de direitos e deveres” e os subsequentes (capítulo 10 “A transição paradigmática: um mundo que caibam muitos mundos” e capítulo 11 “Os primeiros passos da transição”), desenvolvendo a ideia do terceiro cenário (barbárie ou civilização), o qual corresponde a uma verdadeira e necessária mudança de época, se constituindo como um novo modelo civilizacional, com base no



primado da vida digna e uma relação radicalmente diferente com a natureza.

Com a palavra de ordem de que precisamos combater o desperdício da experiência do mundo, desperdício este que ocorre em decorrência de modelos epistemológicos, culturais e políticos dominantes de matriz eurocêntrica; ou pelo fato de participantes de experiências de utopias realistas não se darem conta de sua validade ou por desejarem salvaguardar sua própria experiência. Logo a primeira tarefa não é a de criar alternativas, e sim pensamentos alternativos. Propondo a substituição da Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) por uma Declaração Cosmopolita (que não é uma única declaração, mas um conjunto de declarações).

No décimo capítulo encontramos a descrição dos princípios que vão presidir a transição paradigmática dentro do terceiro cenário (civilização ou barbárie), uma mudança de modelo civilizacional, a epistemologia do Sul. Em epistemologias do Sul a transição é um conjunto articulado de diferentes dimensões, que se trata da sociologia das emergências para refletir e praticar a transição, abarcando três dimensões principais: a) ruína-semente; b) apropriações contra-hegemônicas e; c) zonas libertadas (uma das formas de utopias realistas).

A transição não é algo imediato, trata-se de um longo processo no qual cinco monoculturas que caracterizam a modernidade capitalista, colonialista e patriarcal devem ser substituídos—por cinco ecologias, são eles: As Monoculturas - 1) A monocultura do saber e do rigor do saber; 2) a monocultura do tempo linear; 3) a monocultura da classificação social ex natura; 4) a monocultura da escala dominante e 5) a monocultura do produtivismo capitalista e; As Ecologias: 1) Da monocultura do saber rigoroso às ecologias de saberes; 2) da monocultura do tempo linear à ecologia das temporalidades; 3) da monocultura da classificação social ex natura à ecologia das diferenças e dos conhecimentos; 4) da monocultura da escala dominante à ecologia das trans-escalas e: 5) da monocultura do produtivismo capitalista à ecologia de produtividade.



O último capítulo enumera os primeiros passos desse processo de transição paradigmática dentro do terceiro cenário (civilização ou barbárie). A apresentação de algumas propostas para aprofundar os temas de consenso que a pandemia deu maior visibilidade, de caráter exemplificativo e como primeiros passos de uma mudança de época. Ex.: matriz energética, água, soberania alimentar, rendimento básico, saúde, populações cativas etc. Indo além e apontando alguns pontos das relações internacionais futuras entre Estados e movimentos sociais.

Trata-se, enfim, de uma obra que cumpre o propósito de ser “uma memória do futuro” de um momento histórico que vai inaugurar uma nova época, colocando em evidência as comunidades e os indivíduos que fazem e imaginam um futuro digno possível para todos. Um convite à leitura, reflexão e mudanças concretas, tanto pela sua amplitude de conceitos e exemplificações, que possibilita não somente compreender o contexto da pandemia e o nosso passado, mas possibilita ainda vislumbrar um futuro melhor que abrange toda diversidade capaz de nos tornar libertos das correntes da ignorância através da ecologia dos saberes.